

JONATHAN SOUZA ARAÚJO

**O JORNALISMO INDEPENDENTE NO PAÍS. UMA ANÁLISE DOS
VEÍCULOS THE INTERCEPT BRASIL E REVISTA CRUSOÉ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora,
como requisito parcial para a conclusão do
Curso de Graduação em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Marise Baesso
Tristão

Juiz de Fora

2019

ARAÚJO, Jonathan Souza. O jornalismo independente no país. Uma análise dos veículos The Intercept Brasil e Revista Cruzeiro. Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial à conclusão do curso Graduação em Jornalismo, do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, realizada no 2º semestre de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Marise Baesso Tristão

Orientadora

Profa.Esp. Lúcia Schmidt de Araújo

convidado 1

Profa. Dra. Moema Rodrigues Brandão Mendes

convidado 2

Examinado em: / /

Conceito: _____



Associação Propagadora Esdeva
Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES/JF
Curso de Jornalismo
Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo

O jornalismo independente no país. Uma análise dos veículos The Intercept Brasil e Revista Crusoé

ARAÚJO, Jonathan Souza¹

Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora - MG

TRISTÃO, Marise Baesso²

Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora - MG

Resumo: Neste artigo, analisamos os novos modelos de jornalismo independente surgidos no país. A análise recai sobre o **The Intercept Brasil** e a **Revista Crusoé**, que tiveram grandes repercussões no ano de 2019, com reportagens investigativas e polêmicas. Vamos falar da trajetória deste jornalismo, da importância do **Mídia Ninja**, surgido em 2013, para seu desenvolvimento e popularidade e tocar em pontos semelhantes e diferentes em relação à chamada mídia hegemônica. Finalmente mostrar que há modelos e não apenas um modelo de jornalismo independente. O ponto em comum seria a não dependência de verbas públicas para sua sobrevivência.

Palavras-chaves: Jornalismo Independente. *The Intercept Brasil* Revista Crusoé. Mídia Ninja

1 INTRODUÇÃO

Tudo muda, inclusive a maneira de informar. Hoje discute-se a sobrevivência do jornalismo em meio a uma era tecnológica, conectada e descrente do trabalho realizado pelos grandes veículos de comunicação. O tempo presente é, com exceções, é claro, de informação barata e instantânea, podendo ser produzida até

¹ Discente do Curso de Jornalismo do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES-JF)

² Docente do Curso de Jornalismo do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Orientadora

mesmo por quem, outrora, era apenas mero receptor. Recentemente, uma situação atiçou nossa curiosidade: veículos de mídia autoproclamados independentes, construídos por profissionais comunicadores que têm operado como a lenha na fogueira do debate público. Com posicionamentos muito bem definidos, eles destrincham a vida dos poderosos, colocam o dedo na ferida e extrapolam as fronteiras dos *paywalls*³ em sua repercussão. Por meio destes veículos, há pessoas que se sentem representadas, confiando nos conteúdos, ainda que haja alguns princípios do jornalismo tradicional modificados, como a presente mistura dos gêneros jornalísticos informativo e opinativo na reportagem e a não obrigatoriedade de ouvir todos os lados envolvidos antes da publicação.

Em geral, os leitores criam uma relação de confiança com estes tipos de veículo. Assim, estão dispostos a pagar pelo conteúdo, ainda que grande parte dele ou sua totalidade possa ser acessada gratuitamente. Um dos nossos veículos analisados, a **Revista Crusoé**, tem o conteúdo fechado apenas para acesso de assinantes. Já o outro, o **The Intercept Brasil**, é totalmente aberto e garante benefícios para aqueles que escolherem contribuir com certas quantias.

Nosso objetivo é trazer uma melhor compreensão sobre esta chamada mídia independente que vem sendo realizada no país por meio da análise destes dois modelos. Observaremos ainda a trajetória deste tipo de mídia, como ela se beneficia dos recursos técnicos e tecnológicos disponíveis nos dias de hoje e como seus públicos reagem a seus conteúdos. Lembrando que, pelos dois veículos analisados, pudemos observar que ser independente nem sempre é sinônimo de ser igual, ou seja, existem jornalismo diferentes sendo chamados de independentes, mas, entre os que analisamos, um ponto em comum é não haver recursos estatais como patrocínio, além de algumas restrições para o recebimento de recursos de empresas. Esta seria a forma de garantir a “independência” deste jornalismo.

2 O QUE É JORNALISMO INDEPENDENTE

Desconectado do controle dos grandes conglomerados de comunicação, grupos políticos e anunciantes, o chamado jornalismo independente tem entre suas principais características a busca por meios alternativos de financiamento e, ao

³ Restrição ao acesso de conteúdos mediante o pagamento de assinatura.
<https://rockcontent.com/blog/o-que-e-paywall/>

mesmo tempo, o tratamento de temáticas, muitas vezes, silenciadas na chamada mídia tradicional. Isso é o que apontam autores, como Lacerda (2016, p. 18): “Os projetos, na maioria das vezes, são financiados por meio de investimentos próprios, *crowdfunding*⁴ e doações de fundações filantrópicas, enquanto buscam-se e experimentam-se modelos de negócio mais perenes”. Recentemente este tipo de jornalismo passa a ser mais comum no país por meio da *internet*.

Considerando a falta desse vínculo com grandes grupos de poder político e econômico, essa mídia se vê obrigada a buscar novas maneiras disruptivas de renovação do meio, possibilitadas por meio da evolução da tecnologia digital e da democratização da informação, às quais os grandes veículos se mostravam resistentes.

Num primeiro momento, as organizações jornalísticas tradicionais reagiram de maneira conservadora e defensiva às mudanças trazidas pela democratização do acesso, processamento e compartilhamento de informações – que trouxe muito mais liberdade para o antes passivo consumidor de notícias e também para os anunciantes, reduzindo o poder antes concentrado na cúpula da grande imprensa (LACERDA, 2016, p. 20).

Outro traço que destaca os veículos independentes é a busca pela retomada de valores do jornalismo que foram, muitas vezes, negligenciados pela mídia tradicional com o passar dos anos. Os anúncios constituíam a principal fonte de renda desta indústria e, apesar desta receita ter sido, muitas vezes, investida na confecção de reportagens de alta qualidade, ela também estimulava algumas práticas pouco saudáveis para o jornalismo, como o sensacionalismo e a submissão a grupos políticos e econômicos. Conforme Ramonet (2012, p.45), as pautas ligadas a estas classes de poder eram privilegiadas, causando perda em sua credibilidade: “Os cidadãos desconfiam de uma imprensa que pertence a um punhado de oligarcas, que já controlam amplamente o poder econômico e que, frequentemente, são coniventes com os poderes políticos”.

Esse modelo começou a se deteriorar a partir dos anos 2000, diante da crise econômica mundial e da democratização digital, que descentralizou os consumidores e anunciantes, reduzindo a verba recebida e levando as grandes empresas a realizarem cortes de custos, demitirem jornalistas e diminuir cada vez mais a qualidade e credibilidade das produções. (COSTA, 2014). Retomando

⁴ Financiamento coletivo. <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/04/volume-global-de-crowdfunding-dispara-81-em-2012-1.html> Acesso em 15 de outubro de 2019

Ramonet (2012, p. 60), as grandes mídias perdem o sentido de sua missão, insistindo nesse modelo: “Os grandes grupos midiáticos não se propõem mais como objetivo cívico a ser um “quarto poder”, nem a denunciar os abusos contra o direito ou corrigir as disfunções da democracia”. Ligada a essa situação, temos mais uma característica do jornalismo independente, pois, durante a segunda década do século XXI, o jornalismo passou por um grande processo de renovação, começando a utilizar dos novos recursos disponibilizados pela era digital para agir sem a necessidade de grandes corporações midiáticas e seus meios de produção e distribuição por trás. “Novas tecnologias midiáticas permitiram que o mesmo conteúdo fluísse por vários canais diferentes e assumisse formas distintas no ponto de recepção” (JENKINS, 2009 p .36).

A comunicação digital permitiu que grupos de jornalistas criassem *sites* de forma acessível, através dos quais novas organizações de comunicação poderiam gerar conteúdo sem fins lucrativos e livres das amarras dos grupos que controlavam a grande imprensa. Isso permitia que seu conteúdo pudesse ser mais diverso e atendesse demandas das camadas minoritárias da população, tratando de temas como meio ambiente, direitos humanos, urbanismo, questões indígenas, agrárias, culturas regionais, semiárido nordestino, justiça, cidadania e democracia.

De acordo com Jenkins, a *internet* dá aos consumidores o poder de agir de forma colaborativa com os produtores na elaboração do conteúdo, tornando o produto final cada vez mais personalizado. “Em vez de falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, podemos agora considerá-los como participantes” (JENKINS, 2009, p. 28).

2.1 A TRAJETÓRIA DO JORNALISMO INDEPENDENTE NO BRASIL

A imprensa escrita brasileira se faz presente no país desde o século XIX, e os primeiros registros da mídia independente datam de meados de 1930. Como exemplo de um dos pioneiros, Reis (2017 p.194) cita o jornal **A Manhã**, lançado em 13 de maio de 1926, no Rio de Janeiro⁵, com formato de tabloide, tratava de assuntos políticos de maneira bem humorada, seu próprio nome era uma paródia do jornal **A Manhã**, de 29 de dezembro de 1925, um dos grandes jornais da época.

⁵ De acordo com o *site* <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/a-manha-2/> acesso em 17 de outubro de 2019

No caso brasileiro, é verdade que o nosso jornalismo, desde os poucos anos em que existiu durante o Brasil Colônia, ao longo do Império e desde a proclamação da República, sempre manteve uma relação de interdependência com o Estado. Esta interdependência se materializa através de subsídios, empréstimos bancários e financiamentos oficiais; de isenções fiscais, publicidade legal obrigatória ou publicidade oficial e, mais recentemente, até mesmo pela compra volumosa – e sem licitação – de material didático. Por óbvio, essa interdependência histórica, muitas vezes, fez com que o jornalismo se submetesse aos interesses do Estado, sobretudo nas relações da mídia regional e local com os governos estaduais e municipais (LIMA, 2009).⁶

Desvinculada econômica e editorialmente de grandes grupos empresariais, como anteriormente definimos, a mídia independente se faz presente em diferentes contextos políticos (LIMA, 2013).⁷ Desde **A Manhã**, as organizações independentes então passaram por inúmeras revisões de linguagem e práticas, realizando mudanças para melhor refletir o contexto das épocas, como acontece quando surge o semanário independente **O Pasquim**⁸ em 1969, durante o período da ditadura militar, como um veículo de oposição ao regime. A revista dava voz aos grupos não hegemônicos que foram reprimidos naquele período (BUZALAF, 2009, p. 43).

Adaptando-se ao passar dos anos, a mídia alternativa seguiu mantendo esses principais valores de contracultura às práticas dos veículos tradicionais. O jornalismo independente praticado hoje destaca-se, principalmente, no que diz respeito à evolução proporcionada pela tecnologia, que permitiu facilidade nos processos de produção, circulação, alcance e representatividade.

De acordo com levantamento feito em 2016 pela Agência Pública,⁹ foi mapeada entre novembro de 2015 e fevereiro de 2016 a criação de 79 sites de organizações independentes em 12 estados e no Distrito Federal. Todas elas eram operadas por jornalistas profissionais.

⁶ http://observatoriodaimprensa.com.br/interesse-publico/existe_jornalismo_independente/ acesso em 15 de outubro de 2019

⁷ http://observatoriodaimprensa.com.br/interesse-publico/existe_jornalismo_independente/ acesso em 15 de outubro de 2019

⁸ Durante o período da ditadura militar, nasceram e morreram cerca de 150 periódicos alternativos que se opunham ao regime e, que, portanto, destoavam do discurso governista reproduzido pela grande imprensa. As fontes de financiamento da mídia alternativa nessa época também eram inconsistentes, mesmo entre os jornais de sucesso, como o Pasquim, que vendia mais de cem mil exemplares por semana. Parte do financiamento vinha do ativismo de militantes políticos e da colaboração voluntária de intelectuais, o apoio também chegava através de jornalistas que ainda trabalhavam na imprensa convencional e contribuíam com dinheiro e matérias, artistas organizavam shows para arrecadação de recursos. (KUCINSKI, 1991)

⁹ A Agência Pública (<https://apublica.org>) é um site de jornalismo independente surgido no ano de 2011 e que se apresenta como a primeira agência de jornalismo investigativo sem fins lucrativos no Brasil

2.2 2013. UM MARCO PARA OS VEÍCULOS INDEPENDENTES: O SURGIMENTO DO MÍDIA NINJA

A cobertura dos protestos realizados em junho de 2013 pelo coletivo **Mídia Ninja**¹⁰ configura um dos mais influentes acontecimentos sobre a rearticulação do discurso midiático no Brasil. (LACERDA, 2016). O grupo havia se formado três meses antes e transmitia os protestos por meio de *streaming*, através de um serviço de captação e envio de vídeos para a *internet*, conhecido como *TwitCasting*. Era possível acompanhar a postagem dos vídeos por meio do canal *online* PósTV ou por meio de *smartphones*. Os conteúdos também estavam disponibilizados na página do grupo no Facebook e, algum tempo depois, no Twitter @MidiaNinja, mantidos até a atual data. (NASCIMENTO, 2015) . O grupo é uma das principais representações do revolucionário processo de mudança na forma de comunicação que chegou com a *internet* e as redes sociais.

O **Mídia Ninja** coloca os repórteres na pele do manifestante fazendo com que eles sejam parte dos eventos cobertos (MAZOTTE, 2013).¹¹ O grupo, como afirma Lacerda (2016, p. 65), define-se como um projeto jornalístico, mas contesta o olhar imparcial geralmente associado à atividade, como verificamos em sua página¹²: “O jornalismo é uma das ferramentas e linguagens que utilizamos para levantar temas e debates, fortalecendo narrativas que não têm visibilidade nos meios convencionais de comunicação. Mas, para além de jornalismo, fazemos midiativismo¹³”.

A primeira reação foi de condenação pura e simples. As manifestações deveriam ser reprimidas com rigor ainda maior. À medida, no entanto, que o fenômeno se alastrou, a velha mídia alterou radicalmente sua avaliação inicial. Passou então a cobrir em tempo real os acontecimentos, como se fosse apenas uma observadora imparcial, que nada tivesse a ver com os fatos que desencadearam todo o processo. O que começou com veemente condenação transformou-se, da noite para o dia, não só em tentativa de cooptação, mas também de instigar e pautar as manifestações, introduzindo bandeiras aparentemente alheias à motivação original dos manifestantes. (LIMA, 2013, p. 92)

¹⁰ <https://ninja.oximity.com/> Acesso em 15 de outubro de 2019

¹¹ http://observatoriodaimprensa.com.br/monitor-da-imprensa/ed757_jornalistas_independentes_da_midia_ninja_ganham_atencao/ Acesso em 15 de outubro de 2019

¹² <https://ninja.oximity.com/partner/ninja/faq>.

¹³ alguém que produz, continuamente, narrativas sobre acontecimentos sociais que destoam das visões editadas pelos jornais, canais de TV e emissoras de rádio de grandes conglomerados de comunicação. <http://emetropolis.net/artigo/114?name=grande-midia-versus-coletivos-midiativistas-a-disputa-de-narrativas> Acesso em 15 de outubro de 2019

É possível identificar com clareza a diferença da cobertura das manifestações realizada pelo **Mídia Ninja**, que participou de forma ativista com os manifestantes nos protestos desde o início, para o tratamento dado pela mídia tradicional.

3 OS VEÍCULOS ANALISADOS: THE INTERCEPT BRASIL E A CRUSOÉ

Surgido em fevereiro de 2014, **The Intercept** é um veículo jornalístico estritamente *online*, criado pelo fundador do *eBay* Pierre Omidyar e comandado atualmente pelos jornalistas Glenn Greenwald, Betsy Reed e Jeremy Scahill. Omidyar lançou e continua apoiando a iniciativa através do First Look Media, sua organização de mídia sem fins lucrativos .

Em agosto de 2016 foi lançada a sua contraparte brasileira, conhecida como **The Intercept Brasil**. O *site* conta com jornalistas brasileiros. Atualmente a equipe possui 22 membros nacionais e se define como mídia independente, apresentando conteúdo gratuito, enquanto oferece aos leitores a opção de realizar doações de diversos valores. A quantia escolhida pelo assinante lhe garante uma série de benefícios, que vão, além da conexão integral ao *site*, ao acesso a grupos exclusivos nas redes sociais e livros autografados.

Atualmente o veículo conta com 9.540 assinantes, totalizando uma renda de R\$ 272.675 por mês. De acordo com a página, o foco do seu jornalismo concentra-se em política, corrupção, meio ambiente, tecnologia, mídia, entre outros. **The Intercept Brasil** ganhou repercussão nacional a partir de 9 de junho de 2019, quando publicou as três primeiras reportagens da intitulada “Vaza-Jato”. O ato corresponde a uma série de matérias jornalísticas que investigam áudios vazados de membros envolvidos na operação “Lava Jato”, como o ministro da Justiça do governo Jair Bolsonaro, Sergio Moro, e o procurador Deltan Dallagnol. No ano de 2019, a investigação conta com 20 partes. Algumas matérias foram publicadas em conjunto com outros veículos da mídia hegemônica, como revista **Veja** e jornal **Folha de S. Paulo**. A Revista **Crusoé**, apesar de compartilhar algumas das características com o **The Intercept Brasil**, diverge em certos aspectos, tais como modelo econômico escolhido, método de publicação semanal e posicionamentos políticos. Entre os pontos convergentes estão o funcionamento integral via *internet*, livre de anúncios publicitários governamentais, e ausência de ligação com a mídia tradicional. Fundada em 2018 pelos jornalistas Diogo Mainardi e Mário Sabino, sócios do *site*

Antagonista, a **Crusoé** funciona como uma revista semanal *online*, cujas edições são lançadas às sextas-feiras e o conteúdo fechado para assinantes (assinatura anual, podendo ser paga à vista, R\$ 160,92, ou em 12 parcelas de R\$ 14,90).

O foco adotado pela revista é o conteúdo político e econômico, por meio de “reportagens investigativas, entrevistas e artigos destemidos sobre temas candentes da vida nacional”.¹⁴ Em sua página, diz ter um discurso capitalista e meritocrático, ao contrário do **The Intercept Brasil**, que utiliza um discurso de combate a injustiças. O nome do veículo é inspirado no livro *Robinson Crusoé*, do autor britânico Daniel Defoe. Assim como sua narrativa, que se passa em uma ilha, o site se identifica como uma “ilha no jornalismo brasileiro”, um local onde o leitor teria, segundo a revista, o essencial para a sua sobrevivência em meio ao oceano de notícias enviesadas ou simplesmente falsas.

Assim como o **The Intercept Brasil**, a **Revista Crusoé** protagonizou um episódio que ganhou repercussão nacional na grande mídia, extrapolando os limites do jornalismo independente na *internet*, quando, em sua 50ª edição, publicada em 11 de abril de 2019, teve a reportagem “O amigo do amigo de meu pai” censurada pelo Supremo Tribunal Federal. No caso em questão, o ministro Alexandre de Moraes determinou que a revista retirasse do ar a reportagem mencionada por referenciar o presidente do STF, Dias Toffoli, que havia sido citado pelo empresário investigado e preso pela Operação Lava Jato, Marcelo Odebrecht. De acordo com a reportagem da **Crusoé**, Odebrecht afirmou à Justiça que o codinome “amigo do amigo do meu pai” presente em *e-mails* enviados por ele a dois executivos da empreiteira pertencia a Toffoli. Além de solicitar a retirada da reportagem, Moraes estipulou multa diária de R\$ 100 mil caso a decisão não fosse cumprida, além de convocar os responsáveis a prestar esclarecimentos à Polícia Federal em até 72 horas. O caso repercutiu em veículos tradicionais, como a **Folha de S.Paulo**. Após críticas de juristas, de entidades de jornalismo e de ministros do Supremo, Moraes revogou a decisão.

3.1 AS REPORTAGENS SELECIONADAS

¹⁴ <https://crusoe.com.br/sobre/> acesso em 15 de outubro de 2019

Para a análise dos veículos, após acompanhá-los no período de um mês, entre 11 de setembro e 11 de outubro, selecionamos uma reportagem de cada *site*, as quais acreditamos melhor representar seus estilos de trabalho. Serão averiguados quesitos como uso de fontes, emissão de opinião, linguagem, originalidade dos assuntos citados, se partem do princípio de que o leitor já é conhecedor dos temas e se cumprem os princípios com os quais eles dizem se identificar.

Do **The Intercept Brasil**, escolhemos a reportagem “Até agora tenho receio”, publicada em 09 de junho de 2019. Trata-se da terceira parte da série de reportagens do veículo sobre os vazamentos de mensagens da Operação Lava Jato. Até a data em que a pesquisa foi realizada já haviam sido lançados 20 suítes¹⁵ sobre o caso, com a vigésima tendo sido lançada no dia 11 de setembro de 2019, data em que iniciamos a avaliação. Optamos pela terceira reportagem, por motivos de melhor contextualização, considerando que as três primeiras partes foram publicadas no mesmo dia, 09 de junho de 2019, sendo a primeira delas uma introdução ao caso, uma explicação do veículo sobre o motivo da publicação, onde o autor se justifica por meio do argumento de que há interesse público imbuído nas conversas privadas que ocorreram nos bastidores da Operação Lava Jato.

O **Intercept Brasil** acredita que houve parcialidade na investigação de políticos, como o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, e que agentes públicos, como o atual ministro da Justiça, ex-juiz Sergio Moro, e o procurador Deltan Dallagnol, atuaram de forma politizada e legalmente duvidosa no processo. Seguindo a sequência, a segunda e a terceira reportagem são realmente onde a investigação do *site* se inicia. Como a terceira matéria conclui esse primeiro dia, acreditamos que este seja o melhor objeto de estudo. Além disso, ela ganhou maior repercussão, sendo reproduzida e comentada até mesmo em uma das mais populares mídias hegemônicas, o programa Fantástico, transmitido pela Rede Globo¹⁶ nas noites de domingo.

Já na análise da **Revista Crusoé**, utilizaremos a reportagem “Blogueiros de crachá”, de 11 de outubro de 2019, do jornalista Felipe Moura Brasil. Nessa matéria, assim como na do **The Intercept Brasil**, Felipe realiza uma análise interpretada de

¹⁵ “textos que fazem um desdobramento de uma matéria principal”.

<https://formandofocas.com/2015/09/09/voce-sabe-o-que-e-suite/> Acesso em 16 de Outubro de 2019

¹⁶ <https://globoplay.globo.com/v/7679697/> Acesso em 16 de Outubro de 2019

conversas vazadas de grupos em aplicativos de mensagens, os quais ele informa terem sido fornecidas por dissidentes entre os apoiadores do presidente Jair Bolsonaro. Na reportagem, a **Crusoé** busca provar que existe uma militância governista em ambiente virtual coordenada, financiada com dinheiro público e composta por diversos influenciadores, veículos de mídia que se dizem independentes, assessores parlamentares e até membros da alta hierarquia do próprio governo que atuam na *internet*, realizando linchamentos virtuais, ou seja, uma avalanche de mensagens hostis¹⁷ sobre aqueles que apresentam discordâncias mínimas em relação às atitudes do governo, não poupando nem aqueles que se identificam dentro do mesmo espectro político de direita.

Importante ressaltar que, apesar da repercussão da reportagem “O amigo do amigo de meu pai”, censurada pelo STF, optamos pela matéria “Blogueiros de Crachá”, pois essa conduz sua investigação por meio de vazamentos de dados eletrônicos, característica em comum com a reportagem do **Intercept Brasil**. Partindo de princípios semelhantes, ela nos fornece melhores parâmetros para comparação e avaliação. O assunto abordado vem ganhando repercussão, sendo também debatido na mídia tradicional¹⁸, com a convocação dos personagens investigados na matéria pela CPI das *Fake News*.

3.2 ANÁLISE DAS REPORTAGENS

Verificaremos nas reportagens como é a linguagem e se há diferenças da maneira de conduzi-las, comparando-as com a chamada mídia tradicional. Nos veículos tradicionais, há uma tentativa de se manter o distanciamento e de mostrar pluralidade de ideias, por meio da escuta de “todos os lados” envolvidos. Veremos como se dão estas e outras questões nos dois textos sobre os quais nos debruçamos.

3.2.1 Uso das fontes

Ambas as reportagens se baseiam em informações de fontes, apesar de as principais delas permanecerem ocultas, ou seja, em *off*. Elas são compostas em sua totalidade pelos fornecedores das mensagens vazadas, reportagens obtidas através

¹⁷ <https://www.obeltrano.com.br/portfolio/linchamento-virtual/> Acesso em 16 de outubro de 2019

¹⁸ <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/03/brasil-tem-milicia-virtual-nas-redes-sociais-diz-presidente-da-oab.shtml> Acesso em 16 de Outubro de 2019

da mídia tradicional e dados extraídos de informações públicas e redes sociais. A **Revista Crusoé**, apesar de não citar o nome, informa que sua fonte é um membro dissidente dos grupos de conversa online abordados, enquanto o **Intercept Brasil**, por sua vez, opta pelo sigilo total, permitindo ao público apenas o conhecimento de que as mensagens já haviam sido recebidas diversas semanas antes da notícia da invasão do celular do ministro Moro ser divulgada¹⁹. O uso de fontes em *off* também ocorre na chamada mídia hegemônica. No entanto, ao contrário desta, nenhum dos dois veículos analisados consultou a opinião dos denunciados antes da publicação das reportagens, tendo, assim, um tom acusatório, unilateral e que forma, no leitor, uma opinião também direcionada. Tradicionalmente, no jornalismo de gênero informativo, uma das regras seria ouvir todos os lados possíveis antes da divulgação. Após a publicação, o **Intercept Brasil** postou uma atualização apresentando a resposta emitida pelo Ministério Público Federal.

3.2.2 Analisando o texto no The Intercept Brasil

Em “Até agora tenho receio”, reportagem escrita a três mãos pelos jornalistas Rafael Moro, Leandro Demori e Glenn Greenwald e publicada pelo **Intercept Brasil**, podemos identificar, logo no início, a emissão de opinião, com a frase: “E, assim, o caso parou no colo do aliado Sergio Moro”, após a descrição e contextualização das primeiras mensagens, que abordam a chegada do caso Triplex para ser investigado em Curitiba. O veículo aponta o ex-juiz Moro como aliado do procurador Deltan Dallagnol. A linguagem adotada na frase também é informal, utilizando-se de uma expressão popular que denota a personalidade do autor. A reportagem, então, segue intercalando mensagens de texto trocadas entre os membros do grupo com sua interpretação.

A linguagem é simples, de fácil compreensão, apesar de exigir um conhecimento mínimo do leitor sobre o cenário político do país, buscando encontrar aqueles que estão inclinados a esse interesse. Há um bom volume de imagens, uso de [hyperlinks](#)²⁰ e as letras são grandes. Nos seguintes trechos: “Conseguem pra

¹⁹ <https://theintercept.com/2019/06/09/editorial-chats-telegram-lava-jato-moro/>
acesso em 16 de outubro de 2019

²⁰ é uma referência dentro de um documento em hipertexto a outras partes desse documento ou a outro documento. Que é um programa informático utilizado para visualizar e criar esse documento,

mim o contato da reporter que fez esta matéria?” e “pede celular, *please...* precisamos meio que urgente” foram mantidos tanto os erros de digitação quanto os termos em inglês empregados pelos participantes da conversa vazada. Esta é uma técnica jornalística para buscar dar mais característica de veracidade à matéria. Ou seja, não se mexe naquilo que está sendo reproduzindo como real. O veículo informa que fará isso por meio de um balão de fala que surge quando o leitor move o cursor do *mouse* sobre início desse bloco de texto (esse recurso também é utilizado para explicar siglas que o leitor, talvez, não conheça, como “Bancoop”). Posteriormente, abreviações comuns da *internet* como “Vcs” (vocês) e “pq” (Por quê?) também foram mantidas.

O **Intercept Brasil** também interpreta e confere sentimentos ao procurador, durante a construção narrativa do texto, como é possível identificar no trecho “Dallagnol vibrou com o que leu” ao tratar de sua reação ao ler uma matéria de **O Globo** em 2010 que associa o casal Lula e Marisa ao apartamento no Guarujá. O *site* também atribui grau valor a certas etapas do processo investigativo, como em: “Uma evidência de que a investigação foi imprecisa num dos pontos mais cruciais da acusação: na definição do imóvel que materializaria a propina que Lula teria recebido da empreiteira”.

Durante a afirmação do veículo sobre sua tentativa de contato com **O Globo**, é apresentado tom de ironia e ceticismo em reação à resposta. O **Intercept Brasil** conta ter solicitado os *e-mails* trocados entre a assessoria petista e a repórter do jornal, onde recebe a resposta de que foram inutilizados, uso de aspas é atribuído a essa palavra, assim como também é empregado o termo “alega”, possivelmente implicando que o **Globo** estaria agindo em defesa de seus próprios interesses, omitindo os *e-mails* do conhecimento público. O *site* também permite transparecer sua visão ao considerar necessária a descrição de que o hotel onde a Lava Jato apresentaria sua primeira denúncia contra Lula seria de luxo.

A reportagem se encerra imputando a Moro a atitude de afagar o procurador: “Dois dias depois, Moro afagaria o procurador: (Definitivamente, as críticas à exposição de vcs são desproporcionais. Siga firme.)” Em uma futura atualização, recurso muito utilizado nas mídias sociais, é permitido espaço à resposta emitida

pela força-tarefa da Lava Jato e pelo ministro Sérgio Moro, onde o veículo afirma refutar a acusação de sensacionalismo e informa ter trabalhado com rigor para que todas as conversas fossem reproduzidas dentro do contexto adequado.

Uma última característica se baseia na escassez de documentos utilizados nessa reportagem e que voltará a se repetir na que será analisada abaixo. Ambas as reportagens são feitas a partir de vazamentos de informações, cedendo pouca atenção a análise de documentos oficiais, o que aponta uma possível falta de rigor ou critério por parte dessa mídia alternativa.

3.2.3 Analisando o texto da Revista **Crusoé**

Na reportagem "Blogueiros de Crachá", o jornalista Felipe Moura Brasil investiga diversas figuras da direita brasileira atuantes nas mídias digitais. Seu intuito é provar que, apesar de se apresentarem como informadores independentes, esses personagens fazem parte de uma militância organizada e instalada em gabinetes políticos, sendo financiadas com dinheiro público e preparadas para promover linchamentos virtuais de jornalistas e críticos ao governo Bolsonaro. Felipe Moura Brasil já inicia seu texto emitindo opinião, com uma alfinetada no veículo de mídia independente **The Intercept Brasil**: "Até um blogueiro de crachá sabe a diferença entre conversas roubadas por meio da violação criminosa de um aparelho de telefone celular e conversas obtidas por intermédio de uma ou mais fontes que delas tenham participado." Para Felipe, o veículo **The Intercept Brasil** obteve as mensagens através de *hackers*²¹ e não deve ser levado em total consideração, pois não foi submetido a uma perícia oficial²². O jornalista da **Crusoé** entra na matéria se colocando em primeira pessoa, tratando Allan dos Santos, responsável pelo veículo **Terça Livre** e outros personagens que serão abordados com rispidez, referindo-se a eles como "essa gente". Felipe fundamenta que esse material é de relevância ao conhecimento público, pois mapeia cargos públicos, remunerações e padrinhos dos envolvidos. A reportagem se refere a eles com o apelido "blogueiros de crachá", demonstrando como os influenciadores digitais e veículos supostamente independentes são financiados pelo governo.

²¹ <https://www.youtube.com/watch?v=DjRMp7smIFU> acesso em 17 de outubro de 2019

²² <https://jovempan.com.br/opiniao-jovem-pan/comentaristas/felipe-moura-brasil/felipe-moura-brasil-a-suspeicao-seletiva.html> acesso em 17 de outubro de 2019

Felipe trata de forma sarcástica o encontro dos líderes da militância pró-governo, que iria acontecer no dia 6 de abril de 2019 e que reuniu pessoas como Filipe Martins, o assessor especial da Presidência da República, e Otávio Oscar Fakhoury, o investidor responsável pelo *site* **Crítica Nacional**. O jornalista volta a ironizar a sintonia da dupla (essa figura de retórica é utilizada diversas vezes no decorrer do texto): “Eles são mesmo entrosados. Ambos atuaram, por exemplo, pela queda do general Carlos Alberto Santos Cruz²³.” É utilizada uma expressão de uso popular, ao argumentar que os esforços pela queda do ministro ocorreram, pois ele estaria se recusando a “abrir as torneiras”, referindo-se à liberação de dinheiro.

A **Crusoé** também mantém a forma de escrita original das mensagens trocadas na *internet* via aplicativos, como em: “Santos Cruz hoje levou uma paulada nossa lah do CN”, mas explica que a abreviação “CN” refere-se ao *site* **Crítica Nacional**. O jornalista tira conclusões a partir dos áudios extraídos dos grupos, como faz o **Intercept Brasil**, após mencionar as críticas emitidas por Filipe Martins contra o ex-ministro, como em “ele é quem supervisiona a Secom e vem impedindo a comunicação do governo de deslanchar”. De acordo com Felipe Moura Brasil, o objetivo das afirmações do assessor seria insuflar ainda mais a “turma” contra o general. O jornalista da **Crusoé** utiliza a palavra estrangeira “*bunker*” sem explicar seu significado. O intuito era de comparar os grupos de *Whatsapp* a abrigos subterrâneos utilizados em guerras para discussão de estratégias.

A **Crusoé** cita o nome de diversos atores políticos virtuais em sua reportagem, como os *youtubers* Nando Moura e Bernardo Küster, sem se aprofundar sobre quem são, considerando que seus leitores já os conheçam. O leitor que já não está imerso nesse assunto pode perder o envolvimento com a matéria. O texto demasiado longo também pode contribuir para o seu desinteresse. A **Revista Crusoé** fala ao leitor politizado, que acompanha com regularidade os conflitos de poder no país, inclusive em ambientes virtuais. Felipe cita publicações da mídia tradicional para fundamentar seus argumentos e conferir veracidade a eles, como essa reportagem da **Folha de S. Paulo**²⁴.

²³ Ex-ministro da Secretaria de Governo, demitido por Jair Bolsonaro do cargo em 13 de junho de 2019.. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/06/general-santos-cruz-deixara-ministerio-do-governo-bolsonaro.shtml> Acesso em 17 de Outubro de 2019

²⁴ <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/09/gabinete-da-raiva-perde-espaco-no-planalto-com-alta-de-rejeicao-a-bolsonaro.shtml> Acesso em 17 de outubro de 2019.

O jornalista conclui sua reportagem com a previsão de que será o próximo alvo da militância após a publicação e uma reflexão: “Esses brasileiros não são idiotas: eles sabem – e saberão – distinguir propaganda e jornalismo. A melhor resposta para a primeira continua sendo o segundo.”

3.3 SOBRE OS COMENTÁRIOS DOS LEITORES

Para obtermos uma base referente à repercussão dos casos e confirmarmos também a nossa hipótese de que a leitura é feita por mais pessoas que concordam do que discordam das matérias, efetuamos uma breve análise sobre a seção de comentários de ambos os veículos em suas respectivas reportagens. Na matéria do **The Intercept Brasil**, encontramos um total de 397 comentários, tendo sido o primeiro publicado em 10 de junho de 2019, um dia após a reportagem ir ao ar, e o último no dia 22 de junho do mesmo ano. A posição do público, em sua maioria, corrobora com a narrativa da reportagem, com diversas mensagens de apoio, como “Sempre desconfiei da credibilidade e imparcialidade do Deltran e do Moro” e “Excelente trabalho investigativo e jornalístico! Parabéns! Pena que não vai dar em nada. A não ser que os lucros sejam comprovados.” Mas também existem algumas críticas ao conteúdo, que o tratam como mera tentativa de desmoralização da operação Lava Jato ou afirmam que os dados apresentados não são o suficientes para tornar crível o ponto que o *site* tentou provar: “O caso do triplex foi exaustivamente apreciado pelas quatro instâncias de poder e todas foram unânimes em condenar o Lula. Acho que não tem mais o que decidir. Se toda justiça brasileira está errada e só os petistas estão certos, tem algo estranho no nosso Brasil.” Ou “A reportagem tb carece de dados, documentos e respostas. Se as peças judiciais “falham” por estarem ancoradas em prova fulcral baseada no **O Globo**, a reportagem do **Intercept**, com o respeito devido à seriedade jornalística, desaba no mesmo gap.”

Na reportagem da **Revista Crusoé** encontramos um total de 840 comentários, publicados entre 11 de outubro de 2019 a 08 de novembro de 2019. Eles se dividem entre três tipos de público, o primeiro composto por aqueles que se simpatizam com os personagens abordados por Felipe Moura Brasil e que o atacaram, como ele previu que fariam. Veja o exemplo: “Glenn Greenwald ganhou mais um discípulo: Felipe Moura Brasil. Quem diria que o 'Pim' fosse capaz de tal

feito!?". Os que apoiam sua iniciativa e concordam com o seu ponto de vista: "Parabéns FMB. Acompanho e sigo muitos dos citados, desde antes das eleições. Percebi que havia coordenação nos ataques e/ou elogios há meses. A reportagem serviu para costurar alguns dos pontos sobre pessoas que surgiram aparentemente do nada, mas que já estavam em cargos públicos." E, por fim, os que criticaram o texto em si: "Muito longo o texto para um mortal entender. Vou esperar virar filme."

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *internet* trouxe às pessoas uma tempestade de informações, que chegam, muitas vezes, sem grandes critérios. Apesar disso, a mídia independente mostra que o jornalismo é mais necessário do que nunca e que há pessoas dispostas a pagar por ele, consumindo jornalismo em diversos fluxos digitais. Este tipo de mídia também nos mostra mudanças no jornalismo tradicional e exige um pensamento mais crítico do leitor comum. Ele precisa saber o que pensam e como pensam os responsáveis por este jornalismo, já que, desde os temas abordados até a forma como eles serão abordados, estão longe da chamada isenção. Apesar disso, é importante considerar o espaço que vem sendo aberto por eles, visto que os veículos da grande mídia, muitas vezes, apesar de fincarem suas bases na chamada pluralidade e isenção, também não estão livres de doses de subjetividade e até "partidarismos." Isso ocorre, muitas vezes, pela questão da dependência financeira da publicidade, mas também por questões ideológicas, pelas poucas famílias que dominam os conglomerados, entre outras questões.

Em se falando do público-leitor dos chamados veículos independentes, o que percebemos é que, nas redes, ele busca algo que o represente e corrobore com suas ideias. Desta maneira, este público encontra lugar nos veículos analisados. No caso do **The Intercept Brasil**, isso ocorre com seu estilo combativo, quando busca trazer à superfície as necessidades das minorias e a exposição de injustiças, quando questiona condenações feitas pela Justiça brasileira, quando investiga os bastidores da maior operação policial brasileira dos últimos anos. Já o leitor médio da **Revista Crusoé** se identifica com seu estilo liberal e implacável com a corrupção, onde ela demonstra que, mesmo estando em sintonia ideológica com o governo Bolsonaro, não abre mão de sua independência e papel fiscalizador. O uso de ironia é muito presente ao longo do texto, podendo levar o leitor a desenvolver um sentimento de crédito ou descrédito com o que está sendo dito. Desta forma, este

tipo de mídia acaba sendo muito lido por quem concorda com a opinião do veículo. E se não tem o contraponto, mais fácil convencer o leitor. Quanto à sobrevivência financeira, não há consenso sobre o modelo ideal, cada um utiliza aquele com o qual se relaciona melhor, seja doações, conteúdo parcial ou integralmente pago, anúncios publicitários, *metered system*²⁵ ou outros que possam vir a surgir.

Estes dois veículos, tão díspares, estão fazendo jornalismo, mas mostram que há vários modelos sendo realizados hoje no Brasil. Fato é que a dificuldade de recursos é um dilema para se fazer jornalismo de qualidade e que atinja lugares distantes, fora dos grandes centros. Mesmo sendo independentes, estes veículos acabam se fechando em poucas temáticas, aquelas que são possíveis de serem feitas. Ser independente ou alternativo, em décadas anteriores, era falar de temáticas ausentes da grande mídia, defender direitos humanos, meio ambiente e outros assuntos pouco frequentes na mídia hegemônica. Hoje, a **Revista Crusoé** é um exemplo de que não é somente isso e de que ainda há muito a se olhar para os vários modelos que vêm sendo possíveis com as tecnologias. No entanto, acreditamos que nada muda quando se fala de seriedade com a notícia, necessidade de apuração austera e compromisso em divulgar aquilo que se entende como importante para manter nossa democracia e nossa liberdade de imprensa.

Abstract: *In this article we analyze the new models of independent journalism in the country. The analysis falls on The Intercept Brasil and Revista Crusoé, which had great repercussions in 2019, with investigative and controversial reports. Let's talk about the trajectory of this journalism, the importance of Mídia Ninja, which emerged in 2013, for its development and popularity, and touch on similar and different points in relation to the so-called hegemonic media. Finally show that there are models and not just an independent journalism model. The common point would be the non-dependence on public funds for their survival.*

Keywords: *Journalism. Independent Journalism. The Intercept Brasil. Revista Crusoé*

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA PÚBLICA. **Mapa do Jornalismo Independente**. Disponível em: <http://apublica.org/mapa-do-jornalismo/>. Acesso em 15 de outubro de 2019.

²⁵ “Consiste em exigir pagamento apenas de leitores que consultam vários artigos” (RAMONET, Ignacio, 2012 pg 121).

BUZALAF, Márcia. **A censura no Pasquim (1969-1975):** As vozes não-silenciadas de uma geração. 2009. 220 f. Tese (Doutorado em História)-Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2009. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Zélia Lopes da Silva

COSTA, Caio Túlio. **Modernidade líquida, comunicação concentrada.** Revista USP, São Paulo, n. 66, p. 178-197, junho/agosto, 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/viewFile/13446/15264>

COSTA, Caio Túlio. **Um modelo de negócio para o jornalismo digital.** Observatório da imprensa. 22 de abril de 2014. Disponível em: < <http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/um-modelo-de-negocio-para-o-jornalismo-digital/> > Acesso em 15 de outubro de 2019

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência:** a colisão entre os velhos e os novos meios de comunicação. São Paulo: Aleph, 2009.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários:** nos tempos da imprensa alternativa. 3. ed. São Paulo: Edusp, 1991

LACERDA, Daniela. **O jornalismo digital no Brasil e a busca da identidade perdida.** 2016.121 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação)-Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016. Orientadora: Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes

LIMA, Venício A. **Existe jornalismo independente?** Observatório da Imprensa. 26 de maio de 2009. Disponível em: < <http://observatoriodaimprensa.com.br/interesse-publico/existe-jornalismo-independente/> >. Acesso em: 15 de outubro de 2019

LIMA, Venício A. Mídia, rebeldia urbana e crise de representação. *In: Cidades Rebeldes.* São Paulo: Boitempo, 2013, p. 89-94.

MAZOTTE, Natalia. **Jornalistas independentes da mídia ninja ganham atenção.** Observatório da Imprensa. 30 de julho de 2013. Disponível em: < <http://observatoriodaimprensa.com.br/monitor-da-imprensa/ed757-jornalistas-independentes-da-midia-ninja-ganham-atencao/> >. Acesso em: 15 de outubro de 2019

MORAES, Dênis de. **O ativismo digital.** Biblioteca on-line de ciências da comunicação. 2001. Disponível em < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/moraes-denis-ativismo-digital.html> > Acesso em 15 de outubro de 2019

NASCIMENTO, Mayra Leal do. **As fronteiras entre Ativismo Midiático e Jornalismo:** os valores-notícia e as práticas produtivas nas narrativas da Mídia Ninja. 2015, 105 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo)-Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará, Belém, 2015. Orientadora: Elaide Martins da Cunha

RAMONET, Ignacio. **A explosão do jornalismo:** das mídias de massa à massa das mídias. São Paulo: Publisher Brasil, 2012.

REIS, Mariana. Comunicar, resistir: um olhar sobre as práticas discursivas em rede do jornalismo independente no Brasil. **Revista Vozes e Diálogo**, Itajaí, v. 16, n. 01, jan./jun. 2017